

show de calouros

Único show de calouros de música erudita da televisão, o *Prelúdio*, da TV Cultura, retoma uma longa tradição de descoberta de novos talentos

POR VANESSA BARBARA

Voltada para a parede, a apresentadora Estela Ribeiro fala sozinha. Enquanto ela ensaia as falas de abertura do programa, o público vai descendo a rampa e ocupando as poltronas da platéia e dos balcões do Theatro São Pedro, na Barra Funda, em São Paulo. As caravanas vêm do Jardim Damasceno, de Taboão da Serra, de Campinas – nas fileiras laterais, dezenas de crianças, nas fileiras da frente as torcidas dos candidatos: “Quando for o Rafael, todo mundo bate palma. Joga alguma coisa no palco. Tira a camisa e gira”.

Antes do início da gravação, a platéia do programa *Prelúdio*, da TV Cultura, recebe dois tipos de orientação: um deles é eletrônico e anuncia, pelos alto-falantes, que é proibido fumar em qualquer das dependências do Theatro (segundo a Resolução nº 19 de 15 de agosto de 1984), que as saídas de emergência são seis e que não se deve portar qualquer tipo de comestível na platéia ou nos balcões. O segundo tipo de instruções é fornecido por Jonas Almeida, 26 anos: “Isto aqui é carnaval. Quando o número acabar, é festa, não é pra ficar sentado: ‘ai, eu tô com micose nas nádegas’... Levanta e vai passar pomada. Eu quero todo mundo de pé, batendo palma e gritando”. No entanto, durante as apresentações da orquestra, o auditório deve fazer silêncio: é preciso respeitar o “momento da missa”.

Criado em 2005, o *Prelúdio* é o único show de calouros de música erudita da televisão. A cada eliminatória, quatro

candidatos se apresentam como solista junto à orquestra regida pelo maestro Júlio Medaglia – desta vez os calouros são um pianista, um violonista, uma contrabaixista e um regente. O prêmio final é uma bolsa de estudos na Alemanha, um recital com acompanhamento da orquestra e a gravação de um CD. A final acontecerá no sábado 9 de dezembro (*leia o quadro no final do artigo*).

A apresentadora continua gesticulando sozinha (às vezes ela troca de lado e sorri, voltada para uma câmera imaginária). Enquanto isso, os jurados entram no palco: o pianista e maestro João Carlos Martins, o crítico musical Irineu Franco Perpétuo, o pianista Gilberto Tinetti e o músico Marcelo Jaffé. Durante a passagem de som, Jonas, o animador de auditório, lembra que a televisão é uma falsidade, então “atenção: se alguma coisa acontecer errado, o que a gente faz? A gente sorri e faz tudo de novo”. Alguém na platéia lê o programa do espetáculo e pergunta onde está o piano, o pessoal da fileira de trás assovia para a apresentadora e, nesse momento, a orquestra dá início ao show com a “Valsa das Flores” do balé *Quebra-Nozes*, de Tchaikovsky.

Os três primeiros competidores se apresentam: Roberto Ondeí, 25 anos, de Santo André, recebe a batuta de Júlio Medaglia para reger a orquestra na *Abertura Egmont*, em fá menor, op. 84, de Beethoven. Depois, Adriana Norat, 25 anos, de São Paulo, arrasta um enorme contrabaixo para o palco (“é o instrumento mais divertido”, diz) e toca Botte-



sini. Já Rafael Thomaz, 20 anos, de Campinas, apresenta o *Concerto para Violão e Pequena Orquestra*, de Villa-Lobos. Nos intervalos alguém faz um comentário sobre a gravata-borboleta do maestro Júlio Medaglia, outros tosse. A expectativa sobre a aparição do piano aumenta e o produtor grita: “Jonas, por favor, dá uma esquentada no pessoal”.

“Aplausos para o intervalo!”, diz o animador. Ele pede que ninguém saia da poltrona durante os números e observa que aquela é a hora certa para ir ao banheiro. “Pessoal, quem quiser tocar depois alguma coisa, fazer um karaokê, a gente faz uma fila aqui do lado e...”

“Eu vim pra confundir, não pra explicar”

A idéia do programa veio do maestro Júlio Medaglia, que, depois de 30 anos longe da televisão (na década de 60 ele foi jurado nos festivais da Record e criou o programa *Opus 7*), quis fazer algo inovador. “Eu queria um programa de auditório descontraído, em que a molecada se sentisse à vontade”, diz o maestro. A inspiração veio dos velhos espetáculos de rádio: “Eu sou fruto dos programas de auditório. Morava na avenida São João, 1265, no prédio ao lado da antiga Rádio Cultura, propriedade da família Fontoura. Era um belíssimo edifício, construído para ser estúdio e auditório de rádio. Lá aconteciam programas de auditório de vários tipos: com música, com calouros, com entrevistas, com atores e até com personagens radiofônicos de época, maravilhosos, como o Nhô-Totico”, ele se lembra. “Acompanhei a vibração desses programas – o mais forte deles era o *Peneira Rhodine*, aos sábados, no qual uma or-

questra e vários conjuntos acompanhavam cantores e instrumentistas calouros.”

O maestro se lembra de que tais programas foram, durante muito tempo, a base da música popular brasileira. Por meio deles surgiam e eram conhecidos os novos talentos. Mas a origem dos shows de calouros como o *Prelúdio* não está nos programas do Chacrinha ou do Sílvio Santos – tampouco no brasileiro *Peneira Rhodine*, o preferido do maestro. O pioneiro foi o norte-americano *The Original Amateur Hour*, da CBS, apresentado por Major Edward Bowes pela primeira vez em 1934. No programa, os candidatos eram avaliados pelo próprio público por meio de cartas e telefonemas, ou seja, não havia um corpo de jurados. Mesmo assim, Major Bowes já usava um gongo para interromper as apresentações.

Na televisão, o inspirador de todos os shows de calouros que viriam a seguir foi o americano *The Gong Show*, apresentado por Chuck Barris no período de 1976 a 1980. No programa, artistas amadores faziam performances de qualidade (quase sempre) questionável.

No Brasil, os dois primeiros shows de calouros surgiram em 1935, com *Calouros do Rádio*, apresentado por Celso Guimarães e Capitão Furtado na Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo, e *Calouros em Desfile*, comandado por Edmundo Maia e Paulo Roberto na Rádio Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro. Dois anos mais tarde, Ary Barroso assumiu a apresentação deste último e trocou a campanha pelo gongo. Ele era conhecido por aterrorizar os artistas e expulsar aqueles que não cantavam música brasileira.



Foi na mesma época, em 1937, que surgiu o *Peneira Rhodine*, sob o patrocínio de Rhodine, “a boa enfermeira que não deixa a dor doer e nem o resfriado vencer”. O show alcançou grande sucesso e permaneceu no ar durante quase 30 anos, transmitido direto dos estúdios da emissora – “naquele ambiente de distinção, cordialidade e justiça”. De fato, a atração procurava se manter longe do populareSCO. Em 1940 estreou *Papel Carbono*, de Renato Murce, programa voltado para imitações de artistas famosos. Murce tratava os concorrentes com respeito e utilizava a denominação “ilustres desconhecidos”, em vez de “calouros”. Na década de 40 também foi lançado o programa *A Hora do Pato*, na Rádio Nacional, que mais tarde mudou o nome para *Aí Vem o Pato*, aparentemente para não deixar dúvidas sobre quem era o pato (a platéia ou o artista).

Na televisão, as competições de talentos ganharam força durante as décadas de 60 e 70. Em 1957 estreou na TV Tupi *A Discoteca do Chacrinha*, de Abelardo Barbosa, que mais tarde deu origem aos programas *A Buzina do Chacrinha* e *A Hora do Chacrinha*. Seus shows de calouros eram marcados pela mais absoluta desordem. Durante as apresentações era comum que Chacrinha passasse na frente dos artistas vestido de noiva e oferecesse bacalhau para o público. Ou que alguém cruzasse o palco carregando uma jaca e que o calouro Humberto, do Jardim Botânico, não conseguisse sequer terminar a primeira nota de *Tá Faltando um Abraço*, do Wando. Os artistas eram interrompidos por uma buzina e levavam abacaxis para casa. Ao fundo, meninas desciam escorregadores e chachetes vestidas com maiôs de zebra dançavam.

Em 1962 a TV Paulista/Globo lançou o *Programa Sílvio Santos*, que trazia o quadro “Cuidado com a buzina”. Apenas em 1968 surgiu o *Show de Calouros* do apresentador, que permaneceu no ar até 1993 e apresentou um conjunto de jurados que também era parte do show: Elke Maravilha, com perucas azuis e roupa de cobra, Décio Piccinini, que enfiava papéis no ouvido quando o calouro era muito ruim, Aracy de Almeida (“Minha filha, você não é cantora, parece mais uma árvore de Natal”), Pedro de Lara, Sérgio Mallandro e outros.

Embora esse tenha sido o mais famoso, o primeiro júri da televisão brasileira foi criado alguns anos antes, em 1965, por Flávio Cavalcanti. De mudança para a Excelsior, o apresentador reuniu Nelson Motta, Sérgio Bittencourt, Hugo Dupin, entre outros, para avaliar calouros em duas horas de apresentações dentro do show *Um Instante, Maestro*. Em 1966 Cavalcanti voltou à Tupi para apresentar *A Grande Chance* e passou a concorrer com Chacrinha. Em 1967 foi ao ar o *TV Bolinha*, também da Excelsior, que dava espaço aos artistas amadores (mais tarde veio *A Hora do Bolinha* e o *Clube do Bolinha*, na Bandeirantes). Também Raul Gil começou em 1967, na Excelsior, com um programa de variedades e novos talentos.

Hoje, atrações como *Fama*, *Ídolos* e *Popstars*, no Brasil, e *American Idol*, nos Estados Unidos, misturam a competição de talentos ao formato do *reality show*.

Mas são os programas mais antigos que o inquieto maestro Júlio Medaglia quer resgatar: “É a vibração daqueles programas que tenho em minha memória e que espero trazer agora para o *Prelúdio*”.

Balançando a pança e comandando a massa

“Aplausos para o intervalo!”, repete o animador de auditório. Ele segue um grupo de velhinhas que volta do banheiro e observa, com a mão na cintura: “As senhoras perceberam que a gravação inteira está esperando vocês três?” Naquele momento um grupo de funcionários aparece empurrando o piano preto da Steinway & Sons em direção ao palco.

O último calouro a se apresentar é o pianista Josias Matschulat, de “20 anos e 9 meses”, natural de Porto Alegre. Ele

toca o primeiro movimento do *Concerto para Piano nº 1*, de Franz Liszt – segundo o jurado Irineu Franco Perpétuo, de forma irretocável. A obra “bonita, virtuosística, com bastante notas” (segundo o próprio Josias), impressiona o público e ele vence a eliminatória. Com o anúncio do resultado, a platéia aplaude de pé. O animador de auditório aponta para os mais empolgados, que se debruçam no balcão do teatro, e grita: “Eu gosto de vocês! Eu gosto de vocês!”

E completa, satisfeito: “Planeta Xuxa — é essa a animação que eu quero”. §

JOSIAS MATSCHULAT É COISA NOSSA

Josias Matschulat, 20 anos, cresceu assistindo ao desenho do Pica-Pau. O vencedor da primeira eliminatória do *Prelúdio* iniciou-se na música clássica aos 7 anos de idade, incentivado pela mãe – depois de assistir inúmeras vezes aos episódios do desenho com a *Rapsódia Húngara nº 2*, de Liszt (o pica-pau, em cima de um trem, toca sem parar enquanto um ladrão está dentro do piano). Josias teve aulas com o professor Rafael Liebich e, em 2003, com a prof. dra. Cristina Capparelli Gerling, quando entrou para o curso de bacharelado em música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu primeiro recital solo ocorreu em janeiro de 2004; na ocasião ele tocou todas as invenções a três vezes de Bach e os 15 Estudos de Virtuosidade de Moritz Moszkowski – “um verdadeiro desafio!”.

Atualmente está no sétimo semestre da faculdade e pretende se formar no final do ano. Ele adora jazz (sobretudo Diana Krall) e gosta de Tom Jobim. É fã também de Ernesto Nazareth e de Scott Joplin, o compositor de *ragtimes*. No campo da música erudita, seus preferidos são os três “Bês”: Bach, Beethoven e Brahms. No entanto, ele lembra, nem só de música erudita vive o músico: Josias não toca apenas em recitais, mas também em festas e casamentos – “um repertório do tipo Richard Clayderman... uma bossa nova e *love songs*”.

O pianista mora em um sítio em Porto Alegre e é viciado em café, em chimarrão e no videogame do Super Mario Bros. É um sujeito tranqüilo que gosta de se expressar “de forma intrincada num estilo oblíquo”, bebe Fruki e não vê novela. Passou por alguns momentos dramáticos ao longo da existência, como o dia em que quase perdeu um dedo ao encostar em um bolo de lagartas venenosas (“aquilo a que chamamos de bicho cabeludo”).

Josias é evangélico e tem forte esperança nas palavras bíblicas, quando dizem que, ao subirmos aos céus, teremos um



novo corpo – “quem sabe o quarto dedo da mão esquerda desse novo corpo funcionará melhor do que o atual”.

Apesar de ter sido ovacionado pelos jurados do *Prelúdio* (“Sensacional, né, maestro? Nota dez, irretocável”, disse Irineu Franco Perpétuo), confessa que não tocou de forma perfeita. “Logo na primeira escala rápida do concerto, não consegui tocar todas as notas na mão esquerda. Mas acredito que ninguém tenha reparado. Afinal, são tantas notas!”. Ele diz que estava relativamente tranqüilo durante seu número no *Prelúdio* e que em geral fica muito mais nervoso ao apresentar um recital ou uma prova de concurso. “Em outras palavras: o medo de errar e ouvir uma buzina atrás de mim não ocorreu.”